

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**António Lopes Fontinha**

registada em 2008-09-17  
por

Hugo Pereira e Carla Aguiar



## António Lopes Fontinha

António Lopes Fontinha é natural do Piódão. Nasceu a 13 de Agosto de 1938. Os pais chamavam-se António Lopes e Maria da Encarnação. Eram agricultores. No tempo da azeitona, o pai era o mestre do lagar e também era pedreiro. A mãe “tratava dos animais - dos porcos, do gadito - e cultivava milho, batatas e feijão”. Criaram três filhos. António aprendeu “as primeiras letras com o senhor padre Ilídio dos Santos Portugal” e com um senhor chamado António da Silva, mais conhecido por Marujo. Fez a quarta classe e foi para o seminário na Figueira da Foz, até ao segundo ano. Depois andou “no Piódão a trabalhar para ganhar alguma coisita”. Ajudou a montar telefones, trabalhou nos Serviços Florestais, a arrancar pinheiros para abrir a estrada, até que foi para a tropa. Regressou à Figueira da Foz para o serviço militar. Quando saiu da tropa, voltou para as estradas. Já conhecia a esposa porque eram primos e quando foi para o serviço militar lembrou-se de lhe escrever. Daí começou o namoro. O casamento foi no Piódão. Já depois de estar casado foi para os Correios até se reformar. Actualmente, tem umas cabritas e continua a cultivar.

# Índice

Identificação António Lopes Fontinha.....	4
Ascendência António Lopes e Maria da Encarnação.....	4
Casa "Não era das de mais somenos".....	6
Infância "Era o miminho da cantareira".....	6
Educação "Fizeram-me abrir os olhos".....	8
Percurso profissional Das estradas aos Correios.....	11
Ofício O carteiro.....	15
Quotidiano "Não estar parado".....	20
Namoro "Éramos primos".....	20
Casamento "A festa foi em casa dela".....	21
Costumes .....	22
Lugar "Desde o ano de 1670 e tal".....	28
Avaliação "Para as pessoas verem".....	34

## **Identificação *António Lopes Fontinha***



**António Lopes Fontinha (Coimbra, 1958)**

O meu nome é António Lopes Fontinha. Sou natural do Piódão. Nasci a 13 de Agosto de 1938.

## **Ascendência *António Lopes e Maria da Encarnação***

Os meus pais chamavam-se António Lopes e Maria da Encarnação. Eram agricultores. Trabalhavam aqui no Piódão de noite e de dia. Quando era do tempo da azeitona, o meu pai era o mestre do lagar. Era um lagar a vara, à moda antiga. Já está caído até.



**António Lopes Fontinha (Coimbra, 1943)**

### **"O azeite era bom"**

Quando a azeitona estivesse já moída, iam com uma pá, enchiam os caldeiros e deitavam nas seiras. Umas seiras grandes, uns capachos grandes, que eram feitos em Vila Nova de Poiares. Iam acamando uma por cima da outra. Daí, levava a vara por cima. Era apertada com um peso, uma espécie de parafuso e o azeite com um peso daqueles era obrigado a sair. O azeite era bom. Melhor que o dessas fábricas modernas, em que vem o azeite a ferver. Ali, não. Ali estava um tanto tempo a repousar. Quando era medido para as vasilhas, já estava assente. Não tinha borra, nem nada. Estava bem preparado.

O meu pai era pedreiro, também. Andava aí a fazer as casas. Uns era no carvão, mas o meu pai, como tinha aquela arte, empregava-se aí a fazer as paredes. Ajudava quem precisava. No Piódão e até iam para fora. Andaram em Malhada Chã, iam para Chãs d'Égua e chegaram a ir até São Jorge da Beira.

Primeiro, era Cebola, mas agora é São Jorge. Onde havia dinheirinho tinham que ir à procura dele. Tinha que ser assim.

A minha mãe tratava dos animais - dos porcos, do gadito - e cultivava milho, batatas e feijão. Tínhamos também castanheiros para apanhar as castanhas. Tínhamos muitas oliveiras, que davam muita azeitona para moer. Quando o meu pai não estava, não podia fazer cá nada. Era assim que se vivia. Era a moda.

Assim que me casei, tomei conta da minha vida e eles, coitados, ficaram sozinhos. Mas a gente sempre ia olhando por eles. Tinha que ser assim mesmo.

### ***Casa "Não era das de mais somenos"***

A minha casa de infância não era das de mais somenos. Era rebocada. Mas não era com o luxo como agora. Embora não tivéssemos lá grandes luxos, sempre tivéramos uma caminha jeitosa para dormir. Eu dormia com o meu irmão. Depois, ele casou-se e eu fiquei a dormir sozinho. A minha irmã tinha o quarto dela e os meus pais também. Não tinha casa de banho. Tínhamos um sítio fora de casa onde a gente podia ir fazer as necessidades. Era o que se podia arranjar. Tinha dois bocados ao pé, que também eram nossos.

Ainda lá está, no fundo da povoação. Tem uma parte caída que era a cozinha. A parte que está arranjada é minha. Mandeí eu arranjar. Agora está diferente. Tem casa de banho, cozinha, dois quartos e uma sala. Está mobilada e tudo. A parte que está caída é da minha sobrinha que está no Canadá. E por baixo é da minha irmã.

A porta, primeiro, não era azul. Azul é agora. Até tem umas vidraças. É desse alumínio que agora fazem. Antes não era bem deste feitio. Tinha umas ripas e depois cada ripa tinha sua cor. Era diferente. Agora é que usam assim mais o azul. Dizem que é mais bonito. É tradição, mas não é obrigatório! Tenho aqui uma casita em baixo em que a porta é castanha.

### ***Infância "Era o miminho da cantareira"***

Eu tinha um irmão e uma irmã. Dávamo-nos bem uns com os outros. Eu era o mais novo. Era o miminho da cantareira. O meu irmão tinha mais 14 anos do que eu e a minha irmã, dez. Quase que fazia o que queria. Fui criado diferente deles, com mais fartura. Tínhamos a casa farta. Milho, feijão e tudo. Sempre comíamos com fartura. Qualquer pessoa aí da terra sabe perfeitamente que era verdade. Nunca conhecêramos o - diz o povo - pão que o Diabo amassou. E às vezes ainda dávamos aos outros. Outras vezes vendiam, conforme.

## "Não me arrependo de ter feito o bem"

Eu ia deitar as cabritas com os meus colegas e eles, coitados, diziam:

- "Ó, António, traz lá um bocado de broa..."

E eu então levava um naco de broa para cada um. E eles comiam lá. Ordenhavam o leitito das cabras para uma dessas tigelas onde punham a resina - daquelas mais limpas -, davam uma pinga de água e comiam. Levavam uma colher no bolso, pronto. Não me arrependo de ter feito o bem. Era assim que se usava primeiro. A gente podia. O meu pai ganhava alguma coisa. Os outros, coitaditos, não ganhavam nada. Só no carvãozito. Também dava pouco. Era assim a vida.

Antigamente, havia muitas crianças. Quando eu fui para a escola, era umas 40 ou mais. Recordo-me também dos jogos que a gente fazia. A alegria que a gente tinha aí uns com os outros. Jogar ao feijão, o jogo da malha e - chamamos nós - o coque. Uma alegria! Era diferente de agora. Agora só se entretêm em bicas e cervejas e jogar a bola. Primeiro, nem tínhamos onde jogar a bola. Eram outros jogos.

### O feijão e o coque

Para jogar ao feijão, primeiro, faziam uma cova. Cada um botava os feijões. Cada um, seu feijão. Depois, quem se chegasse mais perto ou lá enfiasse na cova, ganhava. Era quase como o jogo do golfe. Era quase a comparado. Ao coque, a gente escondia-se aí num lado e noutra. Depois, aquele que fosse apanhado, aquele que perdesse, tinha que lá ficar e, às vezes, tinha que levar os outros às cavalitas.

Dantes, não havia brinquedos para ninguém. A chucha era de açúcar. Agora, usam aqueles coisões de borracha para pôr nos miúdos. Antes, eram umas rolhas de açúcar. E a gente entretinha-se. As bolas, íamos comprar ali à Senhora das Preces, quando era o dia da romagem. Bolas pequenas, que a gente ia comprar para jogar, às vezes, na escola. Era o que entretinha. E bolas de farrapos. Andava uma meia, metia lá outras coisas dentro e era uma bola de farrapos. Tinha que ser assim. Não podia ser de outra maneira. Mais brinquedos, não havia. Não havia dinheiro como agora. O dinheiro que cá aparecia era para comprar uma sardinha ou outra coisa. Era diferente. Era vida!



## Educação "*Fizeram-me abrir os olhos*"

Aprendi as primeiras letras com o senhor padre Ilídio dos Santos Portugal. Esse é que nos ensinou. Trouxe lá uma data deles, à noite. E também dava educação à gente! Àqueles que não soubessem, também lhes chegava! Tinha que ser assim. Também um senhor chamado António da Silva, mais conhecido por Marujo, me ensinou as primeiras letras. Ele tinha aprendido na Marinha. Foi para lá à noite, porque o filho também lá andava comigo, no padre Ilídio Portugal. Fazia-nos ler a nós, primeiro, e depois ia confirmar se estava bem, se estava mal. Sabia bem ler e escrever. Ele gostava muito da gente. Agradeço a esses dois, que me fizeram abrir os olhos. Senão, nunca era nada. Era um analfabeto, como outras pessoas que por aí andam.



**Diploma do Curso Bíblico frequentado  
por António Lopes Fontinha, em 1978**

**"Fôramos lá invadir a escola!"**

*Eu fui estrear a escola nova, mais os meus colegas. Andávamos aqui numa sala, numa casa emprestada, quando lá em cima acabaram a escola. A professora tomou coragem e, sem autorização de ninguém, fôramos lá invadir*

*a escola! Pediram a chave lá a quem a tinha a fazer ver que era para irmos ver. Quando nos apanháramos dentro, assentámo-nos nos banquinhos:*

*- "Amanhã, apresentamo-nos cá todos!"*

*E fomos todos! Alguns não gostaram muito de a gente se ir apoderar da escola sem fazer a inauguração. Nunca foi feita a inauguração da escola. Tinha a gente sol ali com fartura para brincar e tudo. Agora, ardeu há dois anos.*

## **"Faziam por as pessoas aprenderem"**

A nossa professora era rija! Chamava-se Maria de Lurdes. Era ali da região de Coimbra. Com essa professora é que a gente saiu de analfabeto. Ensinava bem. Se ensinava! Ela era uma força! Não podia ser melhor! Deu um impulso aí à malta. Senão, nós éramos analfabetos. Fiz a segunda, a terceira e a quarta classes com ela. A segunda, fui fazer a Sobral. A terceira, a Pomares e a quarta, a Arganil. Daí para a frente, continuou sempre a escola. Mas primeiro, não havia nada. Alguém fazia exame da quarta classe? Antes de mim, ninguém fez. Só um rapaz que está em Lisboa. Quando eu fiz a terceira, ele fez a quarta. E quando fiz a quarta, só foi mais outro, que era irmão desse tal. Fomos os dois a Arganil fazer.

No ano seguinte, veio uma professora, que até casou cá com um rapaz do Piódão. Com essa, foram mais alunos à quarta classe. Também era rija! Boa para ensinar! Agora aquelas que vinham só um ano... No fim do ano, iam-se embora. Era só para cumprir a missão delas. Isso não dava resultado nenhum. Aquelas faziam por as pessoas aprenderem.

Para castigar tinha mão pesada. Também era preciso. Era muito preciso. Havia lá meninos mais regulas, mas tinham que aprender. A mão dela era severa e então todos tinham de se manter. Para castigar, davam palminhas nas mãos. Se fosse preciso, um puxão nas orelhas também ia. Não é como agora. Andarem até a bater nas professoras... Nessa altura havia respeito. Ai daquele que tocasse na professora! E os nossos pais, diziam:

*- "Quando o meu filho algum dia se portar mal, você dê para baixo!"*

*Era resposta dos pais. Agora não:*

*- "Não consinto que ninguém toque no meu menino... Não consinto que ninguém toque no meu filho..."*

Então e vão malhar nas professoras à escola e tudo? Barbarismo! Não há educação nenhuma! Os pais ainda têm menos educação que os filhos. Primeiro, não era assim. Nunca ninguém lá partiu um osso a ninguém. A gente temia-as e fazia por aprender. Agora não, andam para ali só a caminhar uns poucos de anos. Na escola, alguns não dão nada.

## "Era como se fôssemos irmãos"

Depois, o senhor padre Ilídio convidou-me para o seminário na Figueira da Foz. E eu fui. Tinha aí uns 12, 13 anos. Fui viver para lá. O senhor padre Ilídio foi comigo. Foi-me lá levar. Lá, o relacionamento era bom. Era como se fôssemos irmãos. Havia muitos colegas aqui da zona: de Arganil, da Senhora das Preces, de Côja... A gente conhecia-se todos uns aos outros. Quando era pelo Carnaval, havia aqueles jogos entre o primeiro ano, o segundo ano, tudo. Como agora os campeonatos do país, assim era lá. O primeiro ano jogava com o quinto, o quinto jogava com o quarto... Assim tudo alternado. Os professores davam uma lembrança àqueles que ficavam em primeiro lugar.

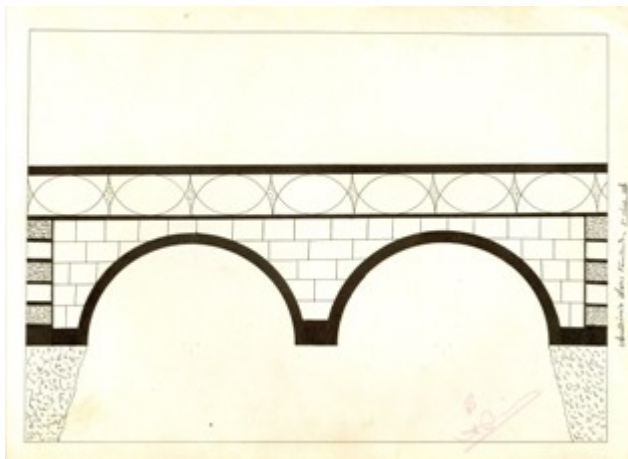


### **Desenho elaborado por António Lopes Fontinha quando frequentava o 2º ano do Seminário na Figueira da Foz**

Mas para estudar, tinham que estar todos concentrados. Não havia barulho. Tínhamos umas salas para aulas e outras salas para estudar. E tínhamos o refeitório em conjunto. Mas cada um estava no seu poiso. O quinto ano estava num lado, o quarto noutro, o terceiro e assim.

Muitos padres formaram-se no meu ano. O senhor bispo que está em Santarém era do meu ano. O prior que está em Oliveira do Hospital, António Borges Carvalho, também. É o senhor pároco de Côja, o Dr. António Dinis, de

Espariz, Carragoselas. Pertence a Tábua, mas está em Côja. O Manuel de Jesus, que esteve por Ançã, lá naquelas freguesias nos arredores de Cantanhede. O Armindo Lopes Carolino até foi Presidente da Câmara de Pombal. Era advogado. No ano passado, veio aí um. Um assistente na Universidade de Coimbra, chamado Artur Fernandes. Também andou lá a estudar comigo. Eram vários. Outros, já nem sei. Quando se formaram já lá não andava. Já se tinham formado. Mas estes, sei eu.



**Desenho elaborado por António Lopes Fontinha quando frequentava o 2º ano do Seminário na Figueira da Foz**

Depois, vi que realmente a minha vocação não era aquela. Além disso, fiquei mal no último ano a Português. Tinha nota negativa. No ano a seguir, tinha que andar outra vez a estudar o ano anterior. Perdia outro ano! A estudar o atrasado e outro para a frente, mais dia, menos dia, tornava a perder. Para quê estar um ano de castigo? Se perdesse dois anos seguidos, tinha que estar um ano de castigo em casa. Saí. E não estou arrependido de ter saído.

**Percurso profissional *Das estradas aos Correios***

Estive no seminário três anos. Depois andei aqui no Piódão a trabalhar para ganhar alguma coisita. Tinha que ser.

## **"Ao poder de braços"**

Andei a ajudar a montar os telefones para a Malhada Chã e para a Fórnea e andei nos Serviços Florestais, a arrancar pinheiros para abrir a estrada. Mas não havia máquinas como há agora! A estrada que passa ali em redor do Monte do Colcorinho, para a Senhora das Preces foi feita ao poder de braços. O meu trabalho era arrancar "penedas", fazer fogo com o martelo e fazer as rampas das estradas. Há rampas aí bem cortadinhas. Era eu e outros mais. Havia mais pessoas. Eu gostava de lá andar. A gente até fazia luxo naquilo. Tínhamos que ir lá ao nascer do sol. Não é como agora, às oito horas. Saía de casinha de noite e lá estávamos ao romper da manhã. Só vínhamos à noite, ao pôr-do-sol. Mais tarde, começaram as dez horas.

## **"Ou nos dão as dez horas ou nunca mais vimos fazer mais nada!"**

*Muito antes do 25 de Abril, fez-se lá um levantamento de pessoal. Estivéramos um dia sem trabalhar:*

*- "Ou nos dão as dez horas ou nunca mais vimos fazer mais nada!"*

*Eles então lá cederam. Um guarda, que até já faleceu, não era assim grande prenda para o pessoal. Esse era "nhurro"<sup>1</sup> que eu sei lá! O filho, que tinha estudos, é que nos fez lá o papelinho. Assináramos uma data deles. Os que podiam assinar. E lá o meteu à Direção Florestal de Arganil. Eles concordaram e disseram: dez horas. Mesmo assim, ainda era. Mas bem, sempre autorizaram. Até que as oito horas vieram agora mais tarde.*

Era onde se podia arranjar algum tostãozito: 22 escudos cada dia. Se lá não fôssemos, não ganhávamos nada. Só aí emboscados a fazer carvão por essas serras. Apanhar fumo e doenças e tudo. Lá, a fazer fogo também não era grande prenda, mas bem... Tirar aquele tufo dos buracos para fora, depois carregar... Tinha que ser assim. Não havia doutra maneira. Até que fui para a tropa.

## **"Tornei à Figueira da Foz"**

Nem por coincidência, tornei à Figueira da Foz para o serviço militar. Foi em 1959 e 1960. Estive no quartel de Artilharia Pesada N.º 3, onde agora é a Universidade Internacional. Na Rua do Pinhal, ligada ao seminário. Pertencia à especialidade de Transmissões, na Bateria de Comando. Há Primeira Bateria,

<sup>1</sup>teimoso

Segunda Bateria e tal. Na Infantaria é por companhias. Ali era por baterias. E fui para a Bateria de Comando, por ter a quarta classe e o segundo ano do seminário. Ainda queriam que eu fosse para primeiro-cabo. Não, não! Eu evitei o que pude. Fui logo ter com o meu patrão:

- Ó, meu capitão, veja lá se eu não vou, porque é uma chatice!
- Tinha de entrar noutra recruta mais rigorosa.
- "Está descansado que tu não vais, que eu preciso cá de ti."



**António Lopes Fontinha na tropa (Figueira da Foz, 1959)**

E assim foi. Ele era ali de Mangualde e conhecia Arganil. Já cá tinha vindo à feira de Mont'Alto e só queria pessoal de cá. Dali, arranjámos um alferes muito amigo dele, um rapaz de Sandomil, que é cá também da nossa zona. Pertence ali a Seia, onde passa o rio Alva. Era descansadinho. Não fazia guardas, não fazia nada. Fiz lá uma tropa que foi uma maravilha!

A minha especialidade era Transmissões. Depois, fomos para Santa Margarida fazer a especialidade de Manobras. Tinham vários quartéis. De Coimbra, de um lado e doutro. Quando fui para Santa Margarida, trazíamos

naquelas maletas uma coisa como agora trazem os telemóveis. Trazíamos um aparelho assim ao lado. Quando ele tocava, tínhamos que o pôr ao ouvido. A gente tinha uma palavra secreta todas os dias. Não podia a gente dizer onde andava. Alfa isto, alfa aquilo e tal. Tínhamos que saber o alfabeto Morse. E havia os radio-telegrafistas. Esses tinham outro alfabeto especial. A nossa especialidade era guardar as pessoas. A gente andava muito mais pelos cabeços a vigiar se vinha algum inimigo ou se não. Para atacar os outros soldados, as companhias e tudo. Tínhamos que estar a vigiar. Era o nosso trabalho!

Fôramos da Figueira, passáramos em Torres Novas, "pia baixo"<sup>2</sup>, passáramos o rio Tejo para o outro lado em Constância e lá íamos para Santa Margarida. Também chegámos a estar na Ponte de Sor, onde é agora lá a cordoaria. Estivéramos em Santa Margarida três semanas em manobras. Aqueles da companhia de Infantaria tinham que ir de noite, a pé, coitados, tranc, tranc, tranc... E nós íamos de carrinhos. A Artilharia não andava como eles. Coitados, até metiam dó, às vezes. Andavam lá dois rapazes: um, que está no restaurante aqui e outro é um cunhado meu. Outros dois que lá andaram, já morreram até. Eram cá também da freguesia.

Agora também não têm que ir preparados? Alguns vão para Santa Margarida e ali em Lamego há os Comandos Especiais. Também têm que ir preparadinhos quando vão lá para fora. Era ali que a gente se ia preparar se houvesse um ataque. Tinha que ser assim.

### **"O azeite era bom e as pessoas ficavam contentes"**

Depois de casado, ainda estive três anos ao pé do meu pai no lagar, de lenheiro. Era o ajudante. Dava a massa, botava a azeitona e ajudava a fazer a fogueira para aquecer a água na caldeira. Quando era na caldeação, tinha de ter a água a ferver, para destilar melhor o azeite. O aziabre ia para um lado e o azeite ia para o outro. Aquilo era tudo separado.

O azeite era dos clientes. O lagar só tinha direito a tirar a maquia. Primeiro era a cada 16, 1. Mais tarde passou para 14, 1. Eram 14 litros para o cliente e 1 para o lagar. Para ajudar a pagar as contribuições. Uma pessoa não estava lá de graça. Tinha que recompensar alguma coisa. Mas dava, graças a Deus. O azeite era bom e as pessoas ficavam contentes. Iam buscar a azeitona e ali tinham que a levar nuns sacozitos de 70 e tal quilos, quase 100, às costas. E o caminho não era assim muito bom. Custava um bocado. Com a era moderna, começaram a levá-la a outros lagares e nós fôramos na mesma corrente. Desinteressáramos. Déramos baixa do lagar e cada um continuou a sua vida.

<sup>2</sup>por aí abaixo

Quando saí da tropa, voltei para as estradas. Andei lá mais tarde já depois de estar casado. Foi quando me saiu para ir para os Correios. Larguei o trabalho da Florestal e fui para lá.

### **Ofício *O carteiro***



**António Lopes Fontinha com a farda de carteiro dos CTT**

Houve uma inscrição e uma pessoa amiga disse-me:

- "Olha, vão abrir vagas para carteiros. É na estação de Côja."

Eu concorri. Fiz o pedido ao chefe e preenchêramos lá um papelinho para mandar para Coimbra e para a Direcção em Lisboa. Depois fui chamado. Tive uma inspecção rigorosa. Mais rigorosa que para o serviço militar. Para ver se a gente era quebrado, quantos dentes nos faltavam e tudo. Eram dois médicos. A gente teve que se pôr também em nu para ver. Às vezes, iam pessoas quebradas, que depois diziam:

- "Foi nos CTT!"



E não! Já tinham achaques. Nem todos eram aceites. Teve de ser um atestado do delegado de saúde, conforme não tínhamos tido doenças, que éramos saudáveis e tudo. Foi uma inspecção muito rigorosa. E de três em três anos tínhamos que ir à revista lá. A um centro hospitalar em Coimbra, ao pé da Escola Brotero. Tínhamos que ir tirar a micro ao BCG, para ver se trabalhava bem. Tínhamos que fazer as análises. Depois íamos a um especialista. Mandava-nos assoprar ao balão, como é agora, para ver se a gente por lá anda carregada de álcool ou se não. Faziam diversas perguntas. Vão mexendo aqui, mexendo ali. Éramos revistos. E até era bem, que esse dia estávamos livres do correio e até nos pagavam as viagens para baixo e para cima. Tudo correu bem.

Depois, estagiei em Côja 15 dias. Dormia lá e tudo. Tinha de pagar lá a pensão. Mais tarde, fui chamado para a freguesia de Pomares.



**BI dos CTT de António Lopes Fontinha (1 de Outubro de 1968)**



### **Verso BI dos CTT de António Lopes Fontinha (1 de Outubro de 1968)**

Andei em Pomares um mês. Depois, saiu para vir aqui para o posto no Piódão. Andei cá 28 anos. Fazia esta área toda: Chãs d'Égua e aquelas quintas todas. Ia daqui aos Moinhos, Pés Escaldados, Chãs d'Égua... Vinha para o outro lado, Eira da Bouça, Barreiros, Covita, Foz d'Égua, Torno e Piódão. Também tive de ir para Avô, quando era preciso lá fazer o serviço. Foi a altura melhor que eu passei. Ia e vinha de táxi daqui para Avô. Ao fim do mês, mandavam-me o dinheiro. Pagava eu na ida e no regresso. Depois mandava a folha, passava uma factura e preenchia lá uma norma dos CTT. Ao fim do mês, mandavam-me o dinheirinho. Foi a coisa melhor. E fiz pessoas amigas lá. Aquele pessoal de Avô era uma categoria. Fazia Avô, fazia aquelas quintas todas até à Ponte das Três Entradas. Tudo correu bem. Umas molhazitas de vez em quando. Tinha que ser assim. Não havia guarda-chuvas. Eles davam farda, mas que era isso? Molhava-se a gente. Calças e tudo! Tinha que se aguentar. Calor ou frio, tinha que se aguentar. Mas tudo se passou. Graças a Deus, ainda cá ando.

Nunca foi preciso fazer juramento nenhum. O nosso juramento era cumprir as coisas à risca. Por tudo e por nada podiam-nos pôr no olho da rua. Só era preciso uns se queixarem. Começavam a faltar dinheiros, vales, selos ou outra coisa. Às vezes, as pessoas davam-nos as cartas para selar. A gente levava selos. Temos umas carteiras próprias para os levar. Mas muitas vezes, acabavam. E

tínhamos que trazer o dinheiro para comprar o selo para selar as cartas. E se lá chegassem as cartas multadas? Sem selo?

- "Ah, a culpa foi do carteiro, que roubou o dinheiro!"

Era logo de caminho! Nem pensar nisso. Nunca ninguém me puxou pelo casaco, "tu fizeste isto, tu fizeste aquilo". Cumpria as coisas à risca. Não há coisa melhor. Tem de ser uma pessoa séria. Gatunos, não os querem lá naquela empresa. Os carteiros lidam com muito dinheiro. E agora ainda pior que há vales e outras coisas que são pagos ao domicílio. Mas eles tratavam bem do pessoal. Assim aparecessem outras empresas que lidassem com o pessoal como esta lidava. É verdade. Tudo correu bem.



**António Lopes Fontinha durante a sua  
actividade profissional de carteiro (Foz d'Égua)**

### **"A farda era boa"**

A farda era boa. Era camisa azul e casaco e calças em lã azul-escura. O chapéu não era obrigatório trazer. Eu trazia, mas aqueles que andavam de motorizada traziam capacete. Já não era preciso trazer o boné. Eu andei em Avô e também não usava o boné a maior parte dos dias. Era facultativo, como eles chamam. Para não apanhar calor, andava sempre a cabeça mais fresquinha. Era assim.



**António Lopes Fontinha com a sua última farda de carteiro (1995)**

Gostei de ser carteiro. Se não gostasse, não ia para aquilo. Eu gostava de conviver com as pessoas. Na área que eu andava, conheci muita gente. Tínhamos que ir à porta de todos, porque não havia caixas como agora. Só mais tarde, quando fui para Avô é que já havia. Naquelas quintas não era preciso ir à porta. Metia nas caixas. A gente enfiava lá o correio, pronto. Uma categoria! Mas muito conversei. Fui sempre muito falador. E gostava de conversar. Por causa disso, dava-me bem com toda a gente. Toda a gente lá gostava de mim. Até cá vieram várias pessoas visitar-me. Às vezes, convidava aqueles velhotes:

- Vocês não querem dar um passeio até ao Piódão?

- "Ah, pois vou, pois vou!"

E vinham! Vinham de Avô para Pomares, Sorgaçosa, andavam ao cimo da Moura, Piódão e depois iam aqui por lado da Vide. Era um rally! Cheguei a trazer o Presidente da Junta de Avô, o regedor e o guarda-rios. Era o senhor Ernesto. Tudo vinha. Eu dava-me bem com aquela gente toda. Não tenho escândalo de ninguém.

Às vezes, as pessoas pediam para ler, porque não sabiam ler:

- "Se fizesse favor, leia-me esta carta."

Nem era permitido, mas a gente tinha de lhes fazer a vontade, senão, coitados... Dar a saber a vida deles a outras pessoas, que, às vezes, não queriam. Por vezes tinha de acontecer isso. Mas o nosso dever não era andar ali a ler cartas a ninguém. Só quando as pessoas pediam é que a gente lia. Era assim. Passou-se.

Depois vim reformado. Ainda andava no serviço quando me reformei. Preenchi lá os papelinhos e deram autorização, ao abrigo de um artigo que saiu do Estado, na altura. Quem tivesse 30 anos de serviço podia ser reformado. Eu tinha muito mais, porque meti o tempo de serviço militar e dos Serviços Florestais. Juntaram tudo. Chegou e sobrou para o que eles queriam. Lá veio a reformazinha. Não foi preciso andar lá com juntas médicas nem nada, nem a queixar-me:

- Ai, dói-me aqui, dói-me ali, dói-me além...

Não foi preciso coisíssima nenhuma disso. Tudo correu bem. Depois vim para aqui. Para onde é que eu havia de ir? Os reformados têm direito de regressar a sua casa. Não é andarem aí noutros empregos e estarem a explorar uma e a beneficiar de outras. Há muitos assim.

## **Quotidiano "*Não estar parado*"**

Agora, faço alguma coisinha para não estar parado. Tenho umas cabritas e continuei a cultivar alguma coisa para arranjar pasto para elas e para a gente. É o meu trabalho. Também faço aguardente, mas não é o nosso emprego diário. É só lá de bagaço como a gente chama.

## **Namoro "*Éramos primos*"**

Eu e a minha mulher éramos primos. A mãe dela era irmã da minha mãe. Quando fui para o serviço militar, lá lembrou-me:

- Deixa-me ir escrever à minha prima.

E daí é que começou. É a paixão ou o amor, pronto. Tinha aí tanta pessoa de família, também. E raparigas bonitas. Mas não me podia casar com todas. Ela respondeu, trocáramos fotografias um do outro. Eu da tropa e ela daqui. E assim começámos. Tive de dizer qualquer coisa ao pai dela:

- "Você já sabe que eu gosto dela..."

Primeiro usava-se assim. Toda a gente. Agora, é diferente. Primeiro, só no dia do casamento é que a gente podia petiscar. Agora, começam logo. Os namoros são diferentes. Não é mentira nenhuma. Mas lá continuáramos até que calhou assim. Não estamos arrependidos. Nem ela, nem eu.

## **Casamento "A festa foi em casa dela"**



### **Casamento de António Lopes Fontinha com Elvira Anjos Fontinha (Piódão, 11 de Fevereiro de 1961)**

O casamento foi aqui no Piódão, na igreja. Eu devo ter ido como os outros. Uma gravata e uma roupa nova. A minha mulher não foi de fato branquinho como agora. Não se usava, nessa altura. Levava também fato novo, mas levava uns cachetés. Outras iam em cabelo. Eram conforme queriam. Não era obrigado. Agora é isto, aquilo, o raminho da noiva... Nessa altura não se usava nada disso. Era a prata da casa. Nem havia dinheiro para comprar essas coisas.

A festa foi em casa dela. Em casa da noiva é que se fazia. As pessoas da família, tanto do meu lado, como do lado dela, ajudaram. Matava-se uma cabra ou duas. Era preciso andar no forno, aquecê-lo para pôr as carnes a assar nos tachos e nas caçoulas de barro. Era diferente de agora. Mas a carne tinha outro

sabor. Também faziam a "bolaricada": bolos, arroz-doce e essa coisa toda. Era um dia farto à mesma. Não faltava nada. Mas não usavam lá essas coisas como agora usam. Pudins e essa doçaria... Era pães leves - como a gente chamava - bolos de pão-de-ló, arroz-doce, coscoréis... Tudo nos fornos. Tínhamos ali um forno da família. Dava muito trabalho.

## Costumes

### "Ainda estive à frente das festas"

A festa da Igreja, que havia primeiro, não era a Senhora da Conceição. Não falavam lá em Senhora da Conceição. Era a festa do Santíssimo e do Sagrado Coração de Jesus. Até tinha uma bandeira, com a imagem do Coração de Jesus. Era paga pela Associação, porque a maior parte são associados dessa Irmandade. Eu também sou sócio. Eram obrigados até a levar as opas aos funerais, às festas e tudo. Agora não, é facultativo. Até mandaram fazer umas opas que já nem são bem do estilo das outras. As outras eram opa branca e cabeção azul. Agora mandaram fazer as opas encarnadas e o cabeção azul. E, contudo, está ligado à Senhora da Conceição, que não é encarnada. É azul. Depende das comissões e da fábrica da igreja. Eu ainda estive alguns anos à frente das festas. A Irmandade do Coração de Jesus pagava metade da despesa e a igreja outra metade. Agora começaram a dizer que era a festa da Senhora da Conceição. Mas a festa da Senhora da Conceição é no dia 8 de Dezembro, não é agora no Verão! Já está fora do estilo do dia que pertence. Fazem no terceiro domingo de Agosto. Mudaram por causa dos emigrantes. Os que vão para Lisboa, nessa altura, estão de férias. Até está bem mudado. Sempre vem mais gente. No Natal estava mais frio. Assim sempre é melhor.

Também faziam a festa de São Pedro. Nestas festas, há procissão, onde levam os santos. Primeiro, as mulheres levavam as fogaças para andarem em leilão. Agora já nem usam essas coisas. Levam umas garrafitas, uma coisa qualquer para o leilão. É tudo à pobre. No último ano que estive na comissão da igreja, a minha oferta valeu 20 contos em moeda antiga. E dei de boa vontade. Era despique. Dei 20 contos, embora custassem a dar. Era para ajudar a pagar a filarmónica. Vinha cá a Filarmónica de Vila Cova e um conjunto ali de Avô, o Dogma. Até foi um senhor chamado José Pacheco, que era o dono do Solar dos Pachecos, que deu comer gratuito ao pessoal do conjunto. Para a filarmónica, foi um restaurante da Ponte das Três Entradas que cá veio fornecer o almoço. Tudo correu bem. Foi no último ano que cá botaram fogo. Cento e tal dúzias de fogo

foram aí botadas! Até tremia tudo! Era fogo, que era uma maravilha. Veio cá um fogueteiro especial. Agora, nunca mais botaram um foguete. Está proibido. Nessa altura, tratei dos bombeiros em Côja. Estavam de prevenção se houvesse uma coisa qualquer. Também fui a Arganil, ao posto da Guarda. Até tive que comprar uns selos fiscais à repartição de Finanças. Passei lá os papéis para tomar responsabilidade e deram-me o número do posto da Guarda. Se qualquer um se portasse mal ou quisesse intervir contra a festa, vinha logo cá uma brigada da Guarda Republicana para manter a ordem. Mas tudo correu bem. Daí para cá, não há fogo, não há nada. É só as brincadeiras e a filarmónica. Primeiro, era "fogueirada" com fartura. Quando a pessoa começava e vinha a regressar, aquilo era para aí fogo que até tremia tudo!

Quando eu era criança, andávamos a saltar por esses bocaditos pia baixo<sup>3</sup>a apanhar as canas dos foguetes. Agora não é preciso, não há. Mas nessa altura era uma alegria:

- "Ei! Já agarrei tantos!"

- "Ei! Já apanhei tantos!"

Todos cá andaram, não era só eu. Era uma alegria. Era a maluquice de andar a apanhar muitas. Depois, estragávamo-las. Para que é que a gente queria aquilo? Era hábito da garotada. Só tinham medo era que algum caísse em cima da cabeça da gente. Às vezes, vinham espreitar, a ver se algum caía em cima da gente. Ele vinha lá com força alta. Apanhava na cabeça, ficava com a cabeça furada!

## **Boas Festas e Feliz Ano Novo**

No Natal costumava-se fazer a fogueira. Ainda este ano fizeram. Pegavam em cepos de pinheiro e de castanheiro e fazia-se aí uma fogueira valente, toda a noite. Depois, aqueciam lá café, outros bebiam aguardente e outros faziam uma tiborna - como usam nos lagares - com couves brancas, bacalhau e batatas. Punham-lhe couves, cortavam-lhe batata e bacalhau. E não era bom? Regadas com uma pinga boa de azeite e com um garrafão de vinho... Então não ia bem à noite? Quando um estava na cama, estavam outros aí nas patuscadas. Era assim a vida.

Nos Reis, não faziam festa. Só andava a garotada pelas portas:

- "Dê-me os Reis! Dê-me os Reis!"

Uns davam uns reбуçados, outros davam castanhas, outros, coitados, uma chouriça para eles irem comer na brincadeira. Não era mal nenhum. Vinham pedir. Dava quem queria. Não eram obrigados a dar.

<sup>3</sup>por aí abaixo



Nas Janeiras, também faziam festa. Davam a volta à povoação. Era dia de Janeiras e dia de Reis. Também davam o Menino Jesus a beijar na igreja. Agora, costumam dar dinheiro, mas nessa altura levavam laranjas ou maçãs para dar de oferta ao padre. Agora, aquele dinheiro que lá deitam reverte a favor do cofre da igreja, porque o padre tem o ordenado dele ao fim do mês. Também parecia mal o padre andar na miséria, mal vestido e tudo. Era uma vergonha para a povoação.

### **"Livrar das pestes malignas e das trovoadas"**

Há aqui a tradição do Dia de Santa Cruz. Antigamente, até era dia santo. É o 3 de Maio, o dia que descobriram o Brasil. Antigamente, chamavam Vera Cruz ao Brasil. Não era Brasil, era Terra de Santa Cruz. E muitos continuam essa tradição de pôr cruces nas ombreiras das portas. Mas o louro dessa cruz tem de ir Domingo de Ramos à igreja. Tem de ser bento. Se não for bento, já não vale nada. É uma fantochada. É dos ramos de louro que levam Domingo de Ramos à procissão, que fazem as cruces para pôr nas ombreiras das portas. Dizem que é para livrar os maus olhares e afugentar o inimigo. Punham também nas searas aí para cima, que era para nos livrar das pestes malignas e das trovoadas. São tradições antigas e muitos continuam. Eu, para mim, às vezes, ponho aí um ramito de louro, mas a cruz fica sempre a mesma. Ponho só o louro para renovar. Tiro o velho e ponho novo. Mas muitos é cada ano a sua cruz. Fazem aí coleções nessas portas. Há aí portas que têm às dez e às 20 cruces. É o dono que gosta.

### **"Dia da Espiga"**

A Quinta-Feira da Ascensão é o Dia da Espiga. Costuma ser em Maio. Antigamente, em casa, faziam flores desses papéis que fazem pelas festas. Eram flores levezinhas. A gente cortava miudinho. Tiram aquelas tirinhas e depois iam pôr cor. Muitos, em vez de levar só a flor, até levavam pedrinhas miudinhas misturadas. Depois, estavam um passo por cima do coro e botavam para cima das mulheres. Aquilo era uma nuvem. Outros até botavam passarinhos. Agarravam-nos no ninho. Depois foi proibido. Era um trabalhão limpar aquilo tudo. Era tradição antiga, mas acabou. Até era engraçado. Ainda lá botei muitas vezes flores para cima das raparigas. A gente a enxotar aos punhados e elas, coitadas... Aquilo parecia que era a nevar para cima delas. Não levavam a mal, era tradição. Mas isso agora caducou.

### **"A rezar e a cantar"**

Outro costume era o Dia das Ladainhas. Para pedir a Deus que mandasse chuva ou sol. Às vezes, estava anos sem chover! Era um dia que iam ao Tojo, pedir à Senhora do Desterro, iam a Chãs d'Égua, ao São João Baptista e aqui era o outro dia, ao São Pedro. Eram, ao menos, três dias. Nunca fui lá ao Tojo, mas a Chãs d'Égua ainda lá cheguei a ir a pé. O pessoal ia a rezar e a cantar "pia fora"<sup>4</sup>. Era tradição. Era um dia alegre até. Estava habituado. Agora isso acabou tudo.

### **"Não dar parte de fraco"**

*Uma ocasião, foram ao Tojo. Pedir lá aos santinhos que mandassem chuva. Quando vieram para cá já chovia que eu sei lá. E há tanto tempo que não chovia!*

*- "Olha, foi milagre! Olha, foi milagre!"*

*Vinham todos contentes. Molhados, "pia baixo"<sup>5</sup> a ver se eles não davam parte de fraco. Todos contentes.*

*- "Ainda bem que deu em chover."*

*Contavam os nossos antigos. Calhou, foram coisas.*

### **"Nos fornos era muito melhor"**

Fazíamos o nosso pão, antigamente. Havia aí vários fornos. Ajuntavam-se as mulheres de duas e três casas e coziam. Para ser mais favorável a fornecer a lenha para aquecer os fornos. Depois punham-lhe um sinal. Uma punha-lhe um buraco, outro punha-lhe um belisco, outra, dois beliscos para se conhecer de quem eram as broas. Depois, batiam por baixo. Tinham lá um método de bater para ver se já estava cozido ou não. Se estivessem pesadas, ainda estavam encruadas. Tinham que ir outra vez para dentro do forno. Tinham que estar levezinhas. Elas conheciam pelo bater. Uns até lhe botavam mistura de centeio ou trigo para ficar mais lisinho. Aqueles que não botassem nada, quebrava mais. Ainda os do padeiro quebram. Mas se levassem mistura ficavam mais lisinhas. O que é, tinham de ser comidas mais rápido. Quando se punha centeio, torna-se mais húmido e podia tomar bolor.

Mas nos fornos era muito melhor. Com aquele calor, é muito melhor. É outra temperatura. Até o pão das padarias que cozem o pão a lenha é diferente das que usam electricidade. Fica mais tostadinho e saboroso. Nós temos aí dois

<sup>4</sup> por aí a fora

<sup>5</sup> por aí abaixo

padeiros: um é dali de Galizes; o outro é de Alvôco da Serra. Eu gosto mais do de Alvôco da Serra, porque é a lenha. Tem um sabor diferente. O outro fica mais esbranquiçado e parece que não sabe tão bem. Parece uma espécie de borracha e o outro fica ali cozidinho que é uma categoria.

### **"São muito bonitos"**

Os coscoréis são feitos de farinha de trigo e levam ovos. São espalmados, vão às frigideiras e aquilo cresce. São muito bonitos. Em qualquer pastelaria vendem isso. Ali em Arganil há lá muito a vender. Às vezes, às quintas-feiras ainda de lá trago. Agora aqui as pessoas de idade já não têm paciência para estar ali a apanhar calores de roda das fogueiras. Para fazer nos fogões também gastam muito gás. Eu mando-os vir pelas minhas filhas de Arganil, da casa que faz os bolos de aniversário e dos casamentos. Tem ali em Arganil, tem em Tábua, tem em Santa Comba e tem ali ao pé de Nelas, em Canas de Senhorim. Paga-se, mas vêm logo preparadinhos. É só comer. Mas são bons. Alguns até trazem açúcar por cima. Outros não, é mel. É conforme querem, à vontade do freguês.

### **"É preciso beber com regra"**

Depois de o vinho está fermentado, tira-se para as vasilhas e fica então o cardaço, como nós chamemos. E esse vai ao alambique para ser destilado. Eu tenho um alambique meu, onde faço aguardente. E de medronho também se faz. Eu gosto mais de apanhar medronhos que azeitona. Surde mais e dá mais rendimento. Apanham-se, deitam-se para uma vasilha e tem de estar três meses a fermentar. No fim de três meses, já dá aguardente. Vai ao alambique, mexe-se, mexe-se, mexe-se e depois é que começa a destilar. A aguardente do medronho é mais cara, mas é mais macia. É melhor que a outra. É boa para quem sofre do estômago. Lá acalma mais a coisa. Também faço a das cerejas. Tenho ali uma cerejeira que é digna de estimação. Carregou neste ano que eu sei lá. A das cerejas é boa também, mas ainda é mais rija que a do bagaço. Tem que ser feita com cuidado. Tem que estar um mês a fermentar. Desfazem-se e vão para o alambique. Dá-lhe um gosto especial, diferente da outra, porque sempre é fruta. Mas ainda é mais valente que a do bagaço e que a de medronho. É mais malandra cá para os intestinos. É preciso beber com regra.

### **"Comer e gritar por mais!"**

Nas cozinhas, tinham uns caniços onde se secavam as castanhas para se irem pisar. Eram pisadas com uns tamancos brochados para ficar a castanha pilada. Branquinha, sem aquela casca por fora e sem a outra pele fininha. Saía a pele por fora e por dentro. Haviam uns cestos próprios para isso. Como agora esses canastrões que ainda usam para acartar as uvas. Canastrões de corra que fazem ali em Alcantosta. Eu ainda ajudei a crivar algumas. Gostava daquilo. Se fosse com a bota de pneu, nunca mais saíam. Mas eu, com uns tamancos com aquelas brochas, que faziam os ferreiros, ficavam ali branquinhas que era uma categoria! Andava a gente assim de roda nos cestos a peneirar e saía por os buracos. Tinham duas asas e eu andava lá dentro a escavar. Tinha que me agarrar a uma coisa qualquer para me segurar, senão os cestos andavam de roda. Às vezes, era às sacas delas. Era uma fartura para todo o ano. E cozidas... aquilo era comer e gritar por mais! Até eram doces. Ainda hoje, nesses restaurantes, usam doce de castanha e botam castanha pilada. Há sempre a vender nessas casas. Ali em Coimbra há lá muita castanha a vender quando é pelo Natal. Branquinhas que é uma lindeza.

A longal é mais doce que a outra. Uma que é assim sobre o comprido. Chamámos nós a castanha dos castanheiros longais. Até para comer crua, é muito melhor. A castanha, quanto mais brava fosse, mais gostosa era. Aquela graúda, crua, não é tão doce. É melhor para assar. Andam pelas ruas a vender-se lá nas cidades. É sempre castanha graúda, que vem lá do Norte, de Vinhais, daquelas terras de Bragança.

### **"Suavam mesmo a valer"**

As galinheiras era quem levava os ovos em cestas para a Covilhã. A mãe da minha mulher, a minha tia, ainda foi uma delas. Lá, há vários anos, havia aquelas pastelarias para fazerem a "bolaricada". Aqui tinham rasgo, iam lá levá-los. Iam buscar os ovos ao Soito da Ruiva, ao Goulinho, Aldeia das Dez, "pia fora"<sup>6</sup>. Davam a volta a estas territas a arranjar ovos. Pagavam-nos a 10 tostões. Depois, levavam daqui uma cesta cheia de ovos. Tinham de carregar aqueles pesos desgraçados para a Covilhã. A pé! Longe que eu sei lá! Gastavam um dia inteirinho. Tinham de ir de noite ou ao romper da manhã. Chegavam lá a umas tantas. Partiam daqui, passavam ao pé do Sobral de São Miguel, ao lado de Unhais da Serra, Tortosendo... Ai, Jesus, credo! Para tão longe! Subir a serra ali nas - chamamos lá - Portas d'Égua. Suavam e suavam mesmo a valer. Mas se tropeçavam numa coisa qualquer e caía a cesta, meu amigo! Aconteceu com algumas. Quando chegavam à Covilhã, já tinham aquelas casas para fornecer.

<sup>6</sup>por aí a fora

Ganhavam um tostãozito, coitadinhas. Para cá traziam roupas, cachenes - os lenços de cabeça antigos - e outras coisas mais. E havia também de Chãs d'Égua e da Malhada Chã. Ajuntavam-se no caminho e iam a cantar e tal. Era uma alegria. Eram mais amigos que agora. Agora são tão falsos... Até na escola são falsos uns para os outros. Era assim a vida.

### **"Ao poder de carvão"**

No outro tempo, faziam carvão aqui na serra, com as - chamamos nós - torgas. Depois, vendiam para os ferreiros. Havia pessoas que tinham os machos e vinham carregar lá para o destino. Já tinham aqueles clientes certos. Agora é diferente. Agora há electricidade, mas nessa altura era ao poder de carvão. Para sustentar lá os fogareiros a bater o ferro e fazer as enxadas, podões e tudo. Agora está tudo diferente. Evoluiu.

### **"Lendas que os nossos antigos contam"**

O João Brandão andava por aqui, também. Não era grande prenda! Esse era de uma - chamavam àquilo - seita, os Cacas. Tinha aqueles comparsas para vir fazer as "fusquetas". Chegavam aí com os cavalos, abriam as portas das pessoas, toca a pôr os cavalos a comer o milho nas arcas. Era um roubo! Não havia regime. Quando vinham esses ladrões, tinha de fugir tudo. Aqui em frente, onde está o aldeamento da Comissão, havia uma sala dentro do próprio bocado, de onde espreitavam pelos buracos quando eles se iam embora. Lá tinham uma coisa secreta para entrarem e tapavam aquilo para ninguém saber. Estavam lá a espreitar e os outros não sabiam que estavam a ver o que andavam a fazer.

Diziam, antigamente, que vivia aí uma mulher que tinha uma neta muito bonita. E eles andavam a ver se cachimbavam a neta. E então ela esteve a entretê-los:

- "Os senhores haviam de gostar de comer isto e aquilo..."

Ia buscar as coisinhas para dar tempo que a neta fugisse. Quando os gajos viram que estava com aquela ladainha toda, a neta nunca mais apareceu. Uns diziam que eles queriam-na matar, outros que chegaram a matar. Mas a neta bem se safou. Lá sabia para onde se havia de ir esconder. Eles queriam desonrá-la. Seria verdade? São lendas que os nossos antigos contam.

### **Lugar "*Desde o ano de 1670 e tal*"**



### **Vista panorâmica do Piódão em 2007**

Isto tem à volta de 800 anos. A freguesia já está formada desde o ano de 1670 e tal. Há 300 e tal anos. A religiosa! Só mais tarde é que começou a funcionar a Junta de Freguesia. Mas ninguém sabia ler. Porque é que cá queriam uma Junta? Não sabiam ler para fazer nada. Um tio meu, o padre Miguel, foi dos primeiros presidentes de cá. Esteve três anos como Presidente da Junta. Depois, já apareceram mais. Antes de ele ser pároco cá da freguesia, houve muitos. Havia uns que até eram de Chãs d'Égua. O padre agora é natural de cá, mas está a viver na Moura da Serra. Tem lá a freguesia da Moura e tem aqui o Piódão. Mas já não pode andar. Tem idade, coitado. É muito amigo de cá vir, porque é a terra dele. Naquela, não tem mais ninguém. Os pais já faleceram. Tinha uma irmã, mas também faleceu.

### **"Não há outro nome igual em Portugal!"**

Diziam, antigamente, que Piódão se escrevia com "m". Era "Piodam". Mais ou menos ali em 1940 é que puseram o til por cima, do "ão". E agora é Piódão. É à moderna!

Dizem que D. Dinis veio aí. Ainda na Vide há lá uma casa e uma terra, chamada Casal do Rei. Na altura também havia o castelo em Avô:

- "Onde é que o meu rei vai?"
- "Vou para a terra do meu avô!"

E puseram o nome de Avô. Ele, depois, veio dormir a Vide e quando veio para cá:

- "Aquilo parece que é o fundo do mundo!"

E mandou para cá um que era lá contra o regime. Há sempre estes gajos que são contra. Mandou-o cá para cima:

- "Que vá lá para cima para a serra! É o pior do mundo!"

Era aqui em baixo ao pé do Torno. Dizem que o nome deriva disso. Outros dizem que era pia. Que isto como que era uma pia. E lá em baixo era o fundo da pia. Uma quintazita que há aqui em baixo. Ainda hoje lá chamam as Casas do Piódão. Até lá está um nicho das alminhas, que lá mandaram fazer há-de haver uns dois anos. Seria disso? Seria do homem, do rei? É uma tradição. O que é certo é que não há outro nome igual em Portugal!

### **"As pessoas ajudavam-se umas às outras"**

Antes, havia aí muitos milhos. Tudo cheio! Milho com fartura! Era tão bonito aí os cômodos, os bocaditos, tudo com milho. Agora não. Agora é só giestas, silvas e pinheiros. É uma miséria. Não há pessoal...

Antes, as pessoas ajudavam-se umas às outras. Quando era no tempo da sementeira, eram várias maltas. Um dia, ajudávamos uns, depois quando a gente necessitava, ajudava-nos a nós. Era troca por troca. Só quem não podia é que pagava. Mas a paga também era barata. Não era como agora, Deus nos guarde! Era 4, 5 escudos, ou nem isso.

No tempo das colheitas, cada um arranjava a sua desfolha. Chamavam a desfolha do milho. E havia várias malhas. Contando aí mais ou menos uns seis, sete sacos já malhavam. Depois ia para os estendais, para as eiras, para secar e a seguir ia então para as arcas para guardar. Uns eram milho branco, outros eram milho amarelo. Mas quando aparecia uma espiga vermelha, aquilo era uma festa! Atiravam com elas para as raparigas e a rapariga que tivesse a espiga vermelha merecia um beijinho. Embora ela não quisesse, tinha de ser mesmo!

- "Ah! Ela tem uma espiga vermelha! Ela tem uma espiga vermelha!"

E ela, às vezes, escarvava, mas tinha que aguentar as favas. A rapaziada a beijar nela. Era vida!

O Piódão agora é muito diferente do que era antigamente. Não tínhamos cá nada! Não tínhamos uma estrada, não tínhamos telefone, não tínhamos quem nos trouxesse uma sardinha, não tínhamos quem trouxesse fruta, não tínhamos quem trouxesse nada! Fruta, só provávamos da prata da casa. Das árvores que aí havia. O que havia de mais fartura era queijo. Toda a gente tinha cabras e

ovelhas e tudo. E já não era pouco, já era bem bom. Sardinha, só pelas festas! Tinham de ir às feiras de Lourosa e Avô buscá-las. A feira da Vide só começou mais tarde. Aquelas que não traziam sal, botavam-lhe sal. Punham-nas em cima dumas carquejas - elas já eram meias secas - e assavam-nas. Tinham que dividir uma por dois, porque eram famílias de oito e nove pessoas e mais. Não havia televisões, entretinham-se a fazer filhos.

### **Sem água nem luz**

Água, só havia nas fontes. Canalizada, não. Nem casas de banho, nem nada. Cada um tinha de ir aí para essas fazendas. Uns tinham uns curraizitos próprios para fazer as necessidades. Iam deitando estrume e mato. Depois deitavam aqueles casulos nos milhos. Água para casa, tinham de ir buscar nos cântaros. Uns de folha, outros de barro. As mulheres levavam-nos à cabeça, todas empertigadas. Às vezes, faziam fila na fonte. Lá contavam as novidades, o que se passava aí pelo povo. "Fulano assim, fulano assado". Lá não era de namorar porque estavam as outras pessoas.

Sem electricidade, usávamos os candeeiritos a petróleo. Uns tinham uma chaminé, outros eram daqueles baixinhos. As lanternas, umas eram a azeite, outras a petróleo. As cozinhas apanhavam fumo com fartura. As casas não tinham chaminés como agora. Agora acende-se o lume e sai o fumo pelas chaminés. É muito diferente. Mas o pessoal estava acostumado.

### **"Não havia cá médicos"**

Havia aí um homem que se ajeitava muito bem. Chamávamo-lo nós o barbeiro. Ele é que dizia se era preciso ir para médicos ou não. Pagávamos-lhe uma pensão todo o ano e ele ia comunicar. Depois, os médicos vinham ver a gente. De resto, tinha de se resolver o problema com ervas. Chá disto, chá daquilo. Uns davam resultado, outros não davam. Quando era coisa mais perigosa, tinham de ir para Coimbra. Não havia cá médicos, não havia cá nada! Às vezes, estava aos meses sem cá vir. A Comissão de Melhoramentos é que fez o Posto Médico. Vinham cá dois médicos de Arganil. Um chamado doutor Parente, outro doutor Baptista, que começaram a desenvolver isto. Vinham todos os oito dias, a um domingo um, a outro domingo outro. Eram pagos pela Comissão de Melhoramentos. E estávamos bem servidos. Coitados, faleceram também. Depois, acabaram. Começou a ser a Segurança Social a mandar um médico próprio. Agora está um mês sem cá vir. Depois, junta-se lá muita gente. A culpa é deles. Porque é que não vêm mais amiúde? Já ia menos pessoal.



## "Fazem o que podem"

A Comissão de Melhoramentos fez o que pôde pela terra. Estes de agora também estão a fazer. Está ligado à Associação dos Compartes. Não é tanto como a gente, às vezes, queria. A gente queria que eles ajudassem a desenvolver o largo que está todo esbarrancado. Mas eles não olham para o que lhes dizem. Eles é que mandam. Gastam dinheiro em "estrados" para esses matos. Agora, arranjaram uma cabrada. Cabras e ovelhas. Trazem-nas aqui para baixo na ribeira. Têm andado a limpar com os sapadores. Andam em cima a fazer uns currais próprios. Até andam para fazer uma queijaria. Tem casas de banho, tem tudo. Tem que levar água lá daqueles nascentes para lá também. Mas a malta, mesmo assim, não está contente. Queria que eles investissem mais dentro da própria povoação. Mas fazem o que podem.



**António Lopes Fontinha com rebanho de cabras (Piódão, 2007)**

## Imóvel de Interesse Histórico

Quando o Piódão se tornou um Imóvel de Interesse Histórico, muitos até ficaram contentes, porque tinham os vigamentos já podres, carunchados e puseram umas placas, vigas e tijoleiras boas à conta do dinheiro da CEE. Foi uma alegria para eles. A mim é que não, porque tinha sido composta há pouco. A primeira vez que foi rebocada foi no ano de 1910. Tem à volta de cem anos.

Já estava rebocada e eu mandei-a compor. Daí por um ano ou dois, foi isto classificado. Ora já estava, já estava! Ainda tenho ali guardada a licença da Câmara para não haver problemas. E mantém-se telha à mesma. Se eles um dia quiserem, sim senhor, a telha é para levar daqui para fora, para não estar a chatear. O que é pagam eles tudo.



**António Lopes Fontinha com a esposa,  
Elvira Anjos Fontinha (Piódão, 2007)**

Agora é mais fácil a vida. Então não é? Primeiro, a gente usava a prata da casa. Os homens eram como os barrancos para mudar as pias dos porcos. Agora, há aí alguns que não mudavam nada. É tudo "rebentões" que andam a estudar. Nem podem pegar em nada. Sujar as mãos? A nós, não sujavam as mãos. Eram calos que eu sei lá. Vêm todos cansados. Os meus não. Era assim a vida! Agora é mundo novo, agora está tudo diferente, não falta aí nada.

Para mim, o Piódão significa tudo. É a minha terra. Ou a bem ou a mal, sinto-me cá bem. E para viver é um sossego. Eu tenho ido, de vez em quando, a Arganil, a Coimbra e tudo. O ambiente lá é muito diferente. É bom para quem lá é criado. Mas para mim, o melhor é aqui o Piódão!



**António Lopes Fontinha (Piódão, 2007)**

**Avaliação "*Para as pessoas verem*"**

Acho este projecto bom, que é para as pessoas verem como é que se cá vivia e como é que se cá vive. Uns bem, outros mal. Agora, graças a Deus, está tudo diferente, agora já vivemos bem, mas primeiro era conforme se podia. Não se comia o que queria nem nada. Era a prata da casa. Agora todo o mundo é feliz.